

Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



A cultura em uma perspectiva multidisciplinar

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 A cultura em uma perspectiva multidisciplinar /
Organizadora Heridan de Jesus Guterres Pavão
Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-974-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.742220702>

1. Cultura. I. Ferreira, Heridan de Jesus Guterres Pavão
(Organizadora). II. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra intitulada “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” tem como foco principal a discussão científica, a partir da integração entre conhecimentos que subjazem as produções escritas, em áreas distintas. O volume aborda de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos que versem sobre a cultura, em contexto com a experiência e formação humana, entre outros temas materializados em pesquisas, relatos de casos e revisões que perpassam seus diferentes percursos, em diálogo com o contexto atual.

Tem como objetivo central trazer à tona questões acerca da cultura, em uma perspectiva multidisciplinar, onde o ser humano é o elemento central de reflexões e ações que se delineiam, ao longo dos vários capítulos. Constitui-se assim, o resultado de iniciativas individuais e coletivas, que abordam temas variados, que perpassam a geografia poética e os devaneios da floresta pandina boliviana, a preservação da memória do rock autoral; a relação da cultura do consumo com a degradação ambiental; o trabalho com as culturas lúdicas, no contexto da alfabetização, no ensino remoto; a Arquitetura e a Poesia Islâmica enquanto artes do mundo muçulmano, responsáveis pelo desenvolvimento de um tipo da música que constitui o Tarab.

Enfoca também, os atravessamentos, afetamentos e as desconstruções que emergem do convívio com estudantes indígenas na graduação e pós-graduação, bem como a falsa consciência, as deformações imaginárias e o cinismo, na ideologia do bolsonarismo; focaliza ainda, a superação de uma crise de paradigmas, enquanto estratégia organizada, por meio de um projeto político pedagógico, baseado na interculturalidade e interdisciplinaridade, para atingir uma autonomia e combater o conservadorismo estatal.

Não menos importante, a fim de que se compreenda as ressignificações e resistências inscritas nos modos de ser jovem, em territórios estigmatizados, traz narrativas e experiências de sujeitos artistas, assim como, a contribuição, cooperação e a organização para o enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero, a partir da articulação em redes de solidariedades, voltadas ao empoderamento feminino; apresenta também, a compreensão do ser humano como alguém participante do Deus encarnado, descrevendo ainda, o percurso de uma oficina de artes, em modo remoto, voltada para acadêmicos da educação profissional e tecnológica, no contexto de um projeto de ensino.

A obra “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” se materializa, pois, enquanto esforço e iniciativa da Atena Editora, na divulgação da produção científica de diferentes áreas, entre estas, a cultura, por meio de sua plataforma consolidada e confiável, oportunizando a socialização da temática, que se mostra enquanto valor intrínseco à vida humana.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GEOGRAFIA POÉTICA E OS DEVANEIOS DA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

Francisco Marqueline Santana


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207021>

CAPÍTULO 2..... 11

A HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM MEMÓRIA COLETIVA NA GENA ROCK DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Plácido Oliveira Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207022>

CAPÍTULO 3..... 23

CULTURA DO CONSUMO: A EMERSÃO DO ATO DE CONSUMIR DENTRO DA CULTURA GLOBAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS

Otoni Marques Moura de Leon

Priscila Pedra Garcia

Karine Ferreira Sanchez

Maiara Moraes Costa

Larissa Medianeira Bolzan

Diuliana Leandro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207023>


CAPÍTULO 4..... 32

CULTURAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Julyara Grace Vieira

Sabrina Maria de Souza Oliveira


Nair Correia Salgado de Azevedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207024>

CAPÍTULO 5..... 48

ESTADOS ALTERADOS DE CONCIENCIA (EAC) EN LA PERCEPCIÓN DE LOS ESPACIOS RELIGIOSOS ISLÁMICOS

Alfredo Fredericksen Neira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207025>


CAPÍTULO 6..... 65







EU, NÓS E O OUTRO: EXPERIÊNCIAS COM ACADÊMICOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE

Daniele Gonçalves Colman

Gustavo dos Santos Souza

Carlos Magno Naglis Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207026>


CAPÍTULO 7	75
FALSA CONSCIÊNCIA, DEFORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E CINISMO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A IDEOLOGIA POR MEIO DO BOLSONARISMO	
André Ranieri Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207027	
CAPÍTULO 8	89
GENTE DO JEITO DA GENTE – FAZENDO HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA	
Francisco Marqueline Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207028	
CAPÍTULO 9	99
JUVENTUDE(S) PLURAIS: VOZES JUVENIS DE (RE)EXISTÊNCIAS NO GRANDE BOM JARDIM.	
Leila Maria Passos de Souza Bezerra	
Jamille Rodrigues Braga	
Benedita Beatriz Elias Dias	
Lívia Kelly da Silva	
Rayanne Rodrigues Valentim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207029	
CAPÍTULO 10	121
MULHERES E RESILIÊNCIA: TECENDO REDES SOLIDÁRIAS NO SEMIÁRIDO	
Lourivânia Soares Santo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070210	
CAPÍTULO 11	130
O SER HUNANO A PARTIR DO DEUS DA ENCARNAÇÃO: CONSEQUÊNCIAS PASTORAIS	
Gilberto Dias Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070211	
CAPÍTULO 12	137
OFICINA DAS CORES: DESAFIOS E CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE ENSINO EM ARTES DE FORMA REMOTA	
Amanda Eloise Machado de Souza	
Beatriz da Silva Aquino	
Karen Alves dos Santos Soares	
Paola Teles Maeda	
Wilson Junior Feliciano	
Neirimar Humberto Kochhan Coradin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070212	
CAPÍTULO 13	149
A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E ACESSO À CULTURA POPULAR E	

AO ENTRETENIMENTO DE PESSOAS SURDAS

Clayton Gabriel Pavão Ferreira

Heridan de Jesus G. Ferreira

Theлма Helena Chahini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070213>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 160

ÍNDICE REMISSIVO..... 161

CAPÍTULO 5

ESTADOS ALTERADOS DE CONCIENCIA (EAC) EN LA PERCEPCIÓN DE LOS ESPACIOS RELIGIOSOS ISLÁMICOS

Data de aceite: 01/02/2022

Alfredo Frederickson Neira

Investigador Independiente, Diplomado en Literatura en Lengua Inglesa (Centro de Estudios Avanzados PUCV), Diplomado en Poesía Universal (Centro de Estudios Avanzados PUCV), Diplomado en Historia del Arte (Centro de Estudios Avanzados PUCV), Diplomado en Estudios de la Religión (PUC), Diplomado en Arte y Estética Árabe-Islámica: clásica y contemporánea por la Universidad de Chile (CEA), Diplomado en Teologías Políticas y Sociedad por la Universidad de Chile (CEA), Diplomado en Psicología Jungiana (PUC) y Diplomado en Cultura Árabe e Islámica por la Universidad de Chile (CEA)

RESUMEN: La Arquitectura islámica y la Poesía son las Artes por excelencia del mundo musulmán, el que a su vez ha desarrollado un tipo de música que se basa en los cuartos tonos, voces y cánticos que constituyen un fenómeno llamado *Tarab*. Este fenómeno junto a determinados bailes, especialmente circulares que han desarrollado los sufíes y la recitación de ciertos mantras inducen a Estados Alterados de Conciencia, los que vendrían a significar una espiritualidad que a su vez en se contrapone a menudo a la religiosidad literalista y ritualística y en otras, la incrementa. En el siguiente artículo se busca analizar las manifestaciones místico religiosas del mundo islámico, que se van potenciando, las unas sumándose a las otras, para inducir a estados de éxtasis

e influir así en la percepción del mundo que experimenta el musulmán. Estas percepciones y sensaciones de quien experimenta Estados Alterados de Conciencia se asimilan a ciertos estados psicóticos, o de locura como los narra Platón en Fedro o de la Belleza, en el diálogo entre Lisias y Sócrates en el que éste explica la denominada locura de inspiración divina, en otras palabras, de un Estado de éxtasis. Pero asimismo la experimentación de dichos Estados de la conciencia es la esencia de las religiones que ponen especial énfasis en la espiritualidad y en el Más Allá, siendo así una posible explicación para el *Axis mundi* que busca conectar ambos mundos, el terrenal y el Mundo de las Ideas o inteligible platónico. Esta experimentación que ocurre en este plano pero que conecta ambas realidades se materializa en el Islam en la ciudad de La Meca, y en la conciencia de cada practicante del Islam. Conocer las prácticas místicas que inducen a Estados Alterados de Conciencia nos ayuda a comprender mejor el Islam y el accionar de sus integrantes.

PALABRAS CLAVE: Estados alterados de conciencia, percepción, espacios religiosos, Islam.

ALTERED STATES OF CONSCIENCE (EAC) IN THE PERCEPTION OF ISLAMIC RELIGIOUS SPACES

ABSTRACT: Islamic Architecture and Poetry are the Arts par excellence of the Muslim world, which in turn has developed a type of music that is based on the fourth tones, voices and chants that constitute a phenomenon called *Tarab*. This phenomenon together with certain dances,

especialmente whirling, que los sufíes han desarrollado y la recitación de ciertos mantras induce Estados Alterados de Conciencia, lo que vendría a significar una espiritualidad que a su vez a menudo contrasta con el literalismo y el ritualismo religiosos y en otros, los aumenta. El artículo que sigue pretende analizar las manifestaciones religiosas místicas del mundo islámico que mutuamente fortalecen entre sí para inducir estados de éxtasis y así influir en la percepción del mundo experimentado por el musulmán. Estas percepciones y sensaciones del individuo que experimenta Estados Alterados de Conciencia se asimilan a ciertos estados psicóticos, o de locura como Platón narra en *Faedrus*, o de Belleza, en el diálogo entre Lisias y Sócrates en el que explica la llamada locura de la inspiración divina, en otras palabras, un estado de éxtasis. Pero también la experimentación de estos estados de conciencia es la esencia de las religiones que ponen especial énfasis en la espiritualidad y el Más Allá, así siendo una posible explicación para el *Axis mundi* que busca conectar ambos mundos, el terrenal y el Mundo de las Ideas o platónico inteligible. Esta experimentación que ocurre en este plano pero conecta ambas realidades se materializa en el Islam en la ciudad de La Meca, y en la conciencia de cada practicante del Islam. Conocer las prácticas místicas que inducen Estados Alterados de Conciencia nos ayuda a comprender mejor el Islam y las acciones de sus miembros.

KEYWORDS: Estados alterados de conciencia, percepción, espacios religiosos, Islam.

«Si las puertas de la percepción se purificaran todo se le aparecería al hombre como es, infinito.» William Blake *«El matrimonio del cielo y el infierno»*.

1 | PRESENTACIÓN

La Arquitectura islámica es el Arte musulmán por excelencia, que al mismo tiempo no es Arte, porque no busca un fin en sí mismo, sino que es un medio para llegar a Allah. La forma en que el medio 'Arquitectura' provoca Estados Alterados de Conciencia es a través de elementos decorativos de formas repetitivas basadas en aspectos esenciales de Geometría Sagrada y de la Razón Áurea que hoy recién se están estudiando. Comprender esto es esencial para entender la Arquitectura islámica porque como todo en el Islam, no puede ser clasificado ni entendido según los parámetros occidentales, subyace en cada Arte del Islam la intención de llegar a un Estado distinto de la Conciencia que permita trascender este mundo racional, de eso versa este trabajo que pretende ser un esbozo para investigaciones más profundas de cómo influye la Arquitectura en el ser humano, lo que hoy es conocido como Enteoarquitectura relacionada con la Neuroarquitectura.

«La idea de un ser Divino y Omnipotente está por todas partes, si no con reconocimiento consciente, entonces con aceptación inconsciente...»

Jung, 1964, p. 71.

2 | INTRODUCCIÓN

Al contemplar la magnificencia del Arte islámico surge una interrogante que constituye

a la vez una paradoja: ¿cómo tanto refinamiento, tanta precisión, tanta belleza que se palpa en la Arquitectura islámica, no es reflejada en las otras Artes, como: la Escultura, el Teatro, el Cine, la Fotografía, la Pintura, la Novela, el Ensayo, y en general las Artes Visuales y la Literatura, salvo la Poesía y también la Música, pero solo acotada esta última a un tipo de música, con determinados instrumentos, determinadas formas tonales, y rechazando todo lo demás?.

Es cierto que en el caso del Islam tenemos el problema de la prohibición de representar las imágenes humanas, que prescribe la *Sunna*, que llega al extremo que no solamente las Artes ya indicadas están prohibidas o restringidas sino que en una película de 1977, coproducida por Libia, Líbano y una parte por el Reino Unido, titulada 'El Mensaje' o 'Mohammad, El Mensajero de Allah' dirigida por Moustapha Akkad (famosa porque el personaje del tío de Mahoma, Hamza Ibn 'Abd al-Muttalib fue protagonizado por Anthony Quinn), se tuvo que representar a Mahoma solo como una sombra y su presencia era indicada al espectador con una música especial o usando la técnica de mirar la escena desde los ojos del profeta.

Pero esta explicación no nos satisface, porque la Torah también prohíbe la representación de imágenes y sin embargo el Judaísmo se ha caracterizado por el gran aporte que ha hecho a todas las Artes sin excepción, y especialmente al Cine, al Teatro, a la Pintura y Literatura.

Entonces, surge la pregunta de si las tres Artes que sí ha desarrollado magníficamente el Islam, la Poesía, la Música árabe (con el uso del cuarto de tono, que divide a la octava en 24 sonidos) y la Arquitectura islámica, tienen entre ellas algún patrón común que las diferencie de las otras Artes no desarrolladas (o apenas) por el mundo islámico. Y si, las tres Artes inciden en la formación de Estados Alterados de Conciencia, el caso de la Música árabe es conocido por el *Tarab* (éxtasis) que buscan provocar sus intérpretes lo que es inducir a un EAC, cuyas formas para lograrlo fue investigado profusamente por filósofos y músicos griegos como Aristógenes de Tarento, y otros peripatéticos cuyos libros fueron estudiados por los árabes.

La Poesía también provoca EAC, se recuerdan los festivales de Poesía que se realizaban en todo el mundo islámico, como el de Damasco o el de Trípoli antes de estallar las respectivas Guerras Civiles en ambos países, similares a los realizados en La Meca del siglo 7 AC.

Finalmente la Arquitectura islámica, esta provoca, induce, participa de la formación de EAC, fundamentalmente en sus templos religiosos, las mezquitas, pero: ¿cómo lo hace?. Por ello, la pregunta de investigación fue: ¿qué provoca la inducción a Estados Alterados de Conciencia en construcciones religiosas islámicas?. La hipótesis de trabajo fue que por el contacto del Islam con diversas otras culturas que ya practicaban la construcción de templos religiosos con elementos que inducían a EAC, como los Persas, Egipcios, Bizantinos, Indios, etc. se produjo una síntesis que conservó elementos de Enteoarquitectura de esas culturas

en el Islam, ampliándolos con el profuso uso de la Caligrafía árabe, que al reproducir citas del Corán, especialmente la *Basmala*, que es la frase ritualística con que inician 113 de las 114 suras en que este se divide, influyen y potencian Estados Alterados de Conciencia.

Los Objetivos Generales son analizar la Arquitectura islámica, sus diversas variantes según el medio cultural en el que se desarrolla y a través de su evolución histórica, caracterizando y relacionándola con la Enteoarquitectura y la formación de Estados Alterados de Conciencia en quienes visitan sus mezquitas. Para ello debí estudiar la Arquitectura islámica, entender sus bases, buscar sus raíces ideológicas para finalmente proceder a analizar las características de sus construcciones religiosas, asimismo estudiar los Estados Alterados de Conciencia, el impacto del espacio en humanos, la Neuroarquitectura, el Arte de construir templos, Enteoarquitectura y el consumo de enteógenos en relación a los diseños de las mezquitas.

Los Objetivos Específicos son identificar los inicios, el desarrollo y la evolución de la Arquitectura islámica y notar de qué forma esta influye en la formación de EAC, a través de qué elementos arquitectónicos, cómo es el uso del espacio, de la luz, como se maneja la profundidad, la altura, las líneas de las mezquitas, siguiendo qué patrones, a través de cuáles formas, y cómo repercuten estas formas en el individuo y la comunidad religiosa vía EAC.

La Metodología de Investigación utilizada es del tipo Investigación Cualitativa, realizando el trabajo a través de fuentes escritas y vídeos usando variables de orientación analítica comparativa a través de un esbozo de la Arquitectura islámica, las mezquitas y sus elementos característicos, su evolución histórica, junto al estudio de la utilización de enteógenos, y endógenos, el espacio y la luz como formador e inductor de EAC en los seres humanos.

«El verdadero secreto de la magia es que el mundo está hecho de palabras. Y cuando conoces las palabras con las que el mundo fue hecho puedes hacer de él lo que quieras... Si el mundo está hecho de códigos, entonces lo podemos hackear»

Terence Mckenna, «*True Hallucinations*»

3 | DESARROLLO

La Arquitectura islámica es un lenguaje, son palabras expresadas en código, no es, tal como decíamos en la presentación, el Arte por el Arte, sino un método para entrar a un EAC, a un Universo que trasciende el mundo que vivimos, en el que en cierto sentido estamos atrapados, es una puerta a la trascendencia, por ello no puede ser analizado como quien contempla Arte sin entender los secretos que hablan sus paredes, si conoces el lenguaje en que hablan...

En muchos sentidos la Arquitectura islámica es un método similar al que usan investigadores del mundo al otro lado del espejo, que recurren a sustancias enteógenas

para entrar EAC, que han sido ampliamente utilizadas por culturas antiguas desde el chamanismo neolítico hasta los llamados Misterios Eleusinos para adentrarse en ese otro mundo, en el que se abandona la condición humana, en la que se es capaz de “morir”. Tal y como se afirma en «El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis»: «El éxtasis no es más que la experiencia concreta de la muerte ritual, en otros términos, del rebasamiento de la condición humana, profana.» (Eliade, 1976, p. 92). En cierto modo, se trata de la repetición periódica (renovada en cada sesión) de la muerte y de la resurrección. Así el chamán atraviesa el *axis mundi* y entra en el mundo de los espíritus llevando a cabo una transición de conciencia.

Los métodos utilizados para alcanzar EAC son diversos y se usan a menudo combinándose.

Algunos de estos son: el uso de enteógenos obtenidos de plantas “potentes” o “maestras” en la forma de incienso o consumidas como brebajes, el consumo de hongos psicodélicos, como la famosa Amanita Muscaria (que es el hongo rojo con pintas blancas que aparece en la cubierta de «*Alice in Wonderland*» de Lewis Carroll) el consumo de tabaco (mejora la concentración, pero no es un psicotrópico), tocar el tambor o instrumentos de percusión, bailar (usualmente bailes grupales y circulares), cantar al compás de la música de la que ya hemos hablado algo, la realización de ayunos, vigiliias, entrar a lugares especiales, tales como un temazcal o cabaña de sudoración, la recitación de Mantras, la confección de mándalas, etc.

De los citados métodos para alcanzar EAC los más populares son los alucinógenos. Según Abram Hoffer y Humphry Osmond, los alucinógenos son «sustancias químicas que en dosis no tóxicas, producen cambios en la percepción, en el pensamiento y en el estado de ánimo, pero casi nunca producen confusión mental, pérdida de la memoria o desorientación en la persona, ni de espacio ni de tiempo». (Hoffer & Osmond, 1967). La idea fuerza que postularon Hoffer y Osmond, creadores de la llamada ‘terapia psicodélica’ es que ese cambio en la percepción de la realidad estimulado o inducido por enteógenos se traduce en un cambio del nivel de conciencia, aunque sin perder la misma, en otras palabras, es un EAC, aunque también pueden provocar ansiedades causantes de despersonalización.

El enteógeno más potente que existe es la NN-dimetiltriptamina (DMT), que se encuentra de forma normal en la Naturaleza, en distintas plantas, entre ellas la Ayahuasca.

La Ayahuasca (*Banisteriopsis caapi*) en quechua significa ‘soga de muerto’ por su etimología *aya* ‘muerto, espíritu’ y *waska* ‘soga, cuerda’, porque en la cosmovisión de los pueblos nativos la ayahuasca es la soga que permite que el espíritu salga del cuerpo sin que este muera. Es un nombre genérico para diversos alucinógenos resultantes de la cocción de diversas plantas. El componente básico es la liana *Banisteriopsis caapi*, cuya propiedad es el contenido alto de inhibidores de la monoaminoxidasa, conocidos como IMAOs. Se mezcla con hojas de arbustos chacruna del género *Psychotria* (*Psychotria viridis*), llamada también *suija* o *yagé*.

Otro enteógeno con alto contenido de DMT es la popular *Cannabis Sativa*, también llamada cáñamo o simplemente marihuana, que es una especie herbácea de la familia Cannabaceae con propiedades psicoactivas, planta originaria de la cordillera del Himalaya, cultivada en el transcurso de la historia como fibra textil (cáñamo), aceite de semilla y alimento, usada como planta medicinal con registros escritos que datan del año 2737 A.C., como psicotrópico.

También es popular el Peyote (*Ophophora Williamsii*) especie de la familia Cactaceae, con alcaloides psicoactivos, entre ellos la mescalina, principal sustancia responsable de efectos psicodélicos. Desde la antigüedad, antes de que los europeos llegaran a la región de Mesoamérica, el peyote era utilizado y reverenciado por tribus nativas, como los mexicas, los huicholes del norte de México, los navajos como parte de su espiritualidad tradicional.

Es conocido también el Cactus de San Pedro (*Echinopsis pachanoi*) llamado así por Pedro, guardián y poseedor de las llaves de las Puertas del Cielo, su nombre en quechua es *Huachuma*, después del Peyote, el San Pedro, de la misma familia Cactaceae, tiene la mayor concentración de mescalina conocida.

Otras sustancias enteógenas son: la Belladona (*Atropa Belladonna*), la Brugmansia, la Burundanga, el Cactus Antorcha Peruana (*Echinopsis peruviana*), la Camilla de elefante (*Argyrea nervosa*), el Cálamo (*Acorus*) o Pasto dulce, el Cardón (*Echinopsis atacamensis*), el Chamico (*Datura stramonium*), la Epená (*Virola*, con 77 especies), la Gloria de la mañana (*Ipomoea purpurea*), el Hermal (*Peganum harmala*), la Heimia con sus especies *grandiflora*, *linariaefolia*, *longipes*, *myrtifolia*, *salicifolia*, la Iboga (*Tabernante iboga*), la *Ipomoea tricolor* (contiene derivados de ácido lisérgico), el Kawa kawa (*Piper methysticum*), el Khat (*Catha edulis*, conocido como la cocaína africana), el Keule (*Gomortega keule*), el Latue (*Latua pubiflora*), la Maori Kava (*Macropiper Excelsum*), el Mapacho (*Nicotiana rustica*), el Loto de Egipto o Loto azul (*Nymphaea caerulea*), el Palqui (*Cestrum parqui*), la Ska pastora o *Salvia divinorum* (*Salvia* de los adivinadores), el *Silene capensis* (raíz africana de sueño) el *Tabernanthe iboga*, el Taique (*Desfontainia spinosa*), el Trihue (*Laurelia sempervirens*), la Vilca (*Anadenanthera colubrina*), la Tupa (*Lobelia tipa* o tabaco del diablo), el Xtabentún (*Rivea corymbosa*) y el Yopo (*Anadenanthera peregrina*).

Entre los Hongos Enteógenos están el *Boletus manicus*, el *Psilocybe* y más de 200 especies que contienen las sustancias alucinógenas psilocibina, psilocina y baeocistina, entre otras especies están: *Agrocybe*, *Conocybe*, *Copelandia*, *Galerina*, *Gerronema*, *Gymnopilus*, *Hypholoma*, *Inocybe*, *Mycena*, *Panaeolus*, *Pluteus* y, sobre todo la *Amanita Muscaria*, el uso ceremonial de la *Amanita* dio origen posiblemente a la práctica ritual de beber orina, se cree que tribus de los Montes Altai sabían que los alucinógenos de la *Amanita* son filtrados por el riñón estando aún activos, algo inusual en relación a los compuestos alucinógenos de las plantas, los chamanes hervían los hongos, bebían el brebaje experimentando EAC, el resto de la tribu bebía su orina, naciendo así la Orinoterapia.

En 1968, el etnomicólogo R. G. Wasson propuso que el Soma, sustancia divina

fundamental en los ritos de los Vedas, era la *Amanita Muscaria*, para justificar su tesis hace referencia a la traducción de distintos versos escritos en el Rig-veda (el más antiguo de los Vedas), Wasson cree identificar en ellos pruebas de la ingestión ritual de orina, algo que reforzaría la identificación del soma con la *Amanita Muscaria* puesto que señalan «los hombres hinchados orinan el soma que fluye, los señores con las vejigas hinchadas, orinan el soma con rápidos movimientos», según Albert Hofmann y Richard Evans Schultes, autores etnobotánicos del libro «Plantas de los Dioses: Orígenes del uso de los Alucinógenos», New York, 1979.

Pero además avances científicos están demostrando la existencia de drogas endógenas, esto es, de sustancias químicas que el propio cuerpo humano produce, que cuando son producidas en el cerebro se denominan neurotransmisores, entre ellos están la dopamina, la serotonina, y la famosa adrenalina. Se denominan drogas endógenas porque reproducen de forma natural los mismos Estados Alterados de Conciencia que pudiese tener un individuo experimentando con los enteógenos someramente mencionados.

El Sistema Nervioso Central produce la sustancia analgésica similar a la morfina 'endorfina', también produce una sustancia ansiolítica similar al valium; y también unas curiosas moléculas denominadas psicodélicas endógenas que aumentan el campo perceptivo, provocan visiones, y propician la inspiración artística, entre muchas otras.

Josef Zehentbauer, en «Drogas endógenas: Las drogas que produce nuestro cerebro», señala:

«Es desconcertante el hecho de que la morfina de la planta papaverácea y las endógenas producen un efecto bioquímico muy similar a pesar de tener fórmulas químicas diferentes. El descubrimiento de la endorfina y sus respectivos receptores fortaleció la sospecha de que el cuerpo humano puede disponer de una farmacia interna propia. Es capaz de producir una amplia gama de psicodrogas y no solamente las hormonas conocidas desde hace tiempo, la adrenalina y la endorfina. El opio de las papaveráceas no es el único que encuentra receptores adecuados en el cerebro humano, también otros fármacos buscan sus receptores apropiados, ocupando un sitio que, en realidad, estaba previsto para moléculas de drogas endógenas específicas». (Zehentbauer, 1995, p. 52).

Esto quiere decir que la adrenalina y otras psicodrogas son adictivas, por ello quienes practican deportes extremos siempre buscan aumentar el riesgo de cada práctica deportiva, exponiéndose a situaciones en las que su cuerpo produzca mayores niveles de adrenalina, como por ejemplo: el *canopy* (ir de un árbol a otro sobre una cuerda con el bosque y el vacío a tus pies), el *puenting* (tirarse de un puente con los pies atados a una cuerda elástica) y el *rafting* (descender en una canoa, kayak, o balsa un río a velocidades variables). Pero también la adrenalina sube en situaciones de peligro, por eso muchas personas manifiestan un trastorno obsesivo compulsivo (TOC), por estar siempre en situaciones de riesgo, como una forma inconsciente de activar psicodrogas endógenas manteniendo así determinados niveles de tal hormona en la sangre consiguiendo así

Estados Alterados de Conciencia.

El mismo autor señala refiriéndose a los deportes extremos que:

«El desarrollo de los conocimientos sobre la bioquímica de los neurotransmisores ha resignificado desde el punto de vista científico los más diversos actos, hábitos, obsesiones, y prácticas religiosas. Por ejemplo, esa marcada inclinación contemporánea por los deportes extremos -tan en boga últimamente- puede ser entendida como una forma algo mecánica de sobredimensionar regularmente la producción natural de drogas endógenas.

Las escaladas peligrosas, las riesgosas y largas travesías en skate en medio de una marea de autos, el bicicross, constituyen buenos ejemplos de esfuerzos extremos de larga duración que sirven para aumentar enormemente los niveles sanguíneos de noradrenalina y acetilcolina, así como los de las endorfinas y hormonas sexuales masculinas. Se ha comprobado que muchas personas con tendencias depresivas buscan inconscientemente estas situaciones para estimularse naturalmente mediante la sobreproducción de esas psicodrogas endógenas». (Zehentbauer, 1995, p. 216).

Señalé en la Introducción que las formas de alcanzar EAC suelen presentarse en combinación unas con otras, en el caso de la Arquitectura islámica, y dentro del Misticismo Islámico, el Sufismo practica las danzas circulares con los *derviches* para alcanzar Estados Alterados de Conciencia, 'derviche' significa "camino al portal". Estas danzas, circulares ya existían con anterioridad al Islam en el Asia central, los chamanes que investigase George Gurdjieff entraban en éxtasis a través de ella, luego pasó al Islam, y hoy la practican los Sufí.

En esencia lo que hacen es girar sobre sí mismos en la dirección del corazón, provocando el EAC, inician bailando con ambas manos cruzadas sobre el pecho y luego conforme van girando al compás de la música van abriendo ambos brazos y manos, con la mano derecha se extienden con la palma mirando hacia el cielo, hacia el infinito, mientras que con la mano izquierda ponen la palma hacia el suelo, hacia la tierra. Así los sufíes tal y como los chamanes se convierten en mediadores entre el cielo y la tierra, entre lo infinito y lo finito, el derviche se vacía del Ego, para pasar a ser un canal, un puente, un *axis mundi* entre Conciencias.

En los giros que siguen el ritmo de la música y los cantos se quiere conectar con Allah, de la misma forma que lo hace el chamán consumiendo sustancias enteógenas, solo que él derviche utiliza conforme va alcanzando velocidad en sus giros, sustancias endógenas que provocan que experimente Estados Alterados de Conciencia.

La orden de los derviches danzantes fue fundada por Jelaluddin Mevlana Rumi, de quien proviene el nombre de Mevlevi, con el cual conoce el mundo islámico esta peculiar Orden mística y religiosa, los derviches girovados o Mevlevi que tienen su origen en uno de los momentos más esplendorosos de la historia del Islam, el siglo XIII en Turquía.

Gurdjieff, quien viaja por años por el Asia Central, conoce y estudia el Sufismo, y concluye que «Sin conocimiento de sí mismo, el hombre no puede ser libre, no puede

governarse a sí mismo y siempre permanecerá como esclavo. Es por ello que en todas las enseñanzas antiguas el primer requisito al comenzar el camino de la liberación era: «Conócete a ti mismo». (P.D. Ouspensky, «Fragmentos de una enseñanza desconocida») y de hecho era la inscripción *Gnóthi Seautónen* del Templo de Apolo en Delfos (Oráculo de Delfos), que a través de EAC de las *Pitia* (Pitonisas) en forma de versos a las diversas consultas, llegó a ser el centro místico-religioso por excelencia del mundo antiguo, donde incluso se planificaban guerras, tal como imitaría Hitler siglos más tarde, usando EAC para planificar sus batallas. El 'Conócete a ti mismo' pasó a Roma como *Nosce Te Ipsum* influyendo en los filósofos árabes y persas medievales que rescataron el acervo cultural sumerio-egipcio-greco-romano y salvaron así a Europa del dogma de los teólogos y del oscurantismo de la Iglesia.

Las obras de los clásicos griegos y latinos fueron recogidas por los eruditos musulmanes, traducidas, estudiadas, comentadas y llevadas nuevamente a Occidente, cuando el terror del error de los teólogos que se creyeron omnipresentes y omniscientes pasó libertando al mundo.

Dentro de esas obras estaban también los padres de la Arquitectura, de la Música, de las Matemáticas, de la Geometría y de la Filosofía.

Además, se encuentra el considerado padre de la Arquitectura Vitruvio (siglo I AC), pese a que existían arquitectos en la Antigua Grecia como Hipodamo de Mileto (siglo V AC), Agnpto, Argelios, Euricles, Filón de Atenas, Hermocreón. Es sin embargo Vitruvio quien indica que la Arquitectura descansa sobre tres pilares: la Utilidad (*Utilitas*), la Firmeza (*Firmitas*) y la Belleza (*Venustas*), doctrina que trata de tomar la arquitectura islámica, pese a que, como se indicó en la presentación, la arquitectura islámica ni siquiera se estudiaba como cátedra en las primeras Universidades del Islam, era y es solo un medio y como hemos visto, un medio para alcanzar Estados Alterados de Conciencia.

Sin embargo, con las sucesivas invasiones que el Islam fue haciendo expandiéndose de una forma inusitada sobre todo en los primeros 150 años, la arquitectura fue, merced al acervo de los pueblos que conquistaban los árabes, creciendo en importancia hasta generar un estilo propio y característico, particularmente con la forma, diseño y decoración de las mezquitas.

Por ello la arquitectura islámica es en primer lugar una síntesis de elementos bizantinos, de elementos persas, de elementos egipcios, que adquieren poco a poco una identidad propia. Otra característica de la arquitectura islámica es que sus construcciones son bajas, tratando que el edificio esté en armonía con el medio ambiente.

Los materiales que usan son de escaso valor, siguiendo un *hadith* de Mahoma que dice: «Es verdad que lo menos provechoso para un creyente y lo que devora su riqueza, es construir», por ello se usa el yeso, la madera, el ladrillo o mampuesto, desechando la piedra y el mármol característicos de las construcciones de templos religiosos de otras culturas.

Dentro de los elementos la arquitectura islámica desarrolla profusamente el arco

y la cúpula, pero apenas si innova en el uso de columnas y pilares, que se hacen más delgados porque usa materiales más livianos. Arco islámico apoyado sobre columnas, pilares o paredes.

En los Arcos se comienzan a usar el arco de herradura, el lanceolado, el trilobulado o polilobulado, el peraltado o rebajado, el roto, el angrelado, en arco en estalactita o mocárabes, el arco en zigzag.

En cuanto a las cúpulas, las primeras propiamente islámicas se desarrollaron en Egipto, pero además se usan una serie de cubiertas abovedadas, bóvedas de crucería, gallonadas y caladas.

Otros elementos de la arquitectura islámica son los *iwanes*, usados para dividir secciones de una construcción, el *mihrab* inmerso dentro del muro de una mezquita, indicando la dirección hacia dónde el musulmán debe orar, La Meca, en concreto la *Ka'aba*.

En cuanto al origen de la mezquita, esta es la casa de Mahoma, en Medina, los primeros musulmanes se reunían en la casa de Mahoma para la oración de los días viernes, vueltos en un primer momento hacia el norte, hacia Jerusalem y luego hacia el sur hacia La Meca. Esta disposición de orar hacia La Meca se ha mantenido invariable desde entonces. El patio de la casa de Mahoma era cubierto por el calor con un techo de palmera y era un patio rectangular, por lo tanto las sucesivas mezquitas construidas tratan de preservar la misma característica, pese a que la Cúpula de la Roca, la mezquita azul, no siguen el mismo patrón, generalmente las mezquitas más grandes tienen columnas en su interior con arcos bajo techos planos de escasa elevación, muros adornados de decorado profuso, aparecen las cúpulas en los últimos períodos de las conquistas islámicas, aunque en un principio indicaban la existencia de un sepulcro, pero como los santos no existen en el Islam se usan para honrar a alguien especial.

Otra característica son los altos *alminares* o *minarettes*, que es desde donde el *almuédano* hace el llamado a la oración o *salat*. La función del minarete es señalar la dominación física, visual y sonora de un espacio, los minarettes cambian según la cultura de que se trate.

El aspecto más característico, sin embargo, de la arquitectura islámica, y el elemento central en la inducción a Estados Alterados de Conciencia es el decorativo.

La decoración de las construcciones, desde mezquitas a palacios es variada, va desde el uso de la caligráfica litúrgica árabe, al uso de materiales como el yeso, el estuco, las areniscas, y los mosaicos, que va decorando cada muro o suelo, repitiendo un mismo patrón.

Así, la belleza en el Islam sigue un patrón contradictorio, por un lado según las fuentes islámicas se ensalza, existiendo múltiples referencias explícitas en el Corán, por ejemplo, dos aleyas, en las que se elogia la vida bucólica de los que están a cargo del ganado al verlo, esta es la sura 'De Las Abejas' *An-nahl*, aleyas 5 y 6, (Dice Allah): "Y los rebaños los ha creado para vosotros. Hay en ellos abrigo y otras ventajas y os alimentáis

de ellos. *Disfrutáis viéndolos cuando los volvéis por la tarde o cuando los sacáis a pastar por la mañana*”, pero por otro lado, las mismas fuentes del islam prohíben la representación humana, porque se considera como “idolatría” y es prohibido en la ley de la *sharia*. En consecuencia, prohíben que el ser humano pueda expresar la belleza de los seres vivos a través de las técnicas representativas. Y los teólogos han confinado el bello cuerpo femenino a estar oculto tras velos o burkas.

Adicionalmente, el Islam considera que el Arte humano y que todo lo que produzca la mano del hombre en cuanto a su capacidad artística es inferior a la obra de Allah y por lo tanto se cree que el hacer Arte e incluso Teatro es tratar de describir de una forma realista cualquier animal o persona, lo que vendría a ser una especie de insulto a Allah. Este dogma, impuesto por los teólogos musulmanes, ha significado la reducción del Arte en el mundo islámico sólo a motivos arabescos, expresados en sus mosaicos y también en la arquitectura islámica en general y particularmente en la caligrafía árabe, como veremos en el Desarrollo.

Asimismo existe un hadith de Mahoma que habría dicho: *“Allah es Bello y ama la belleza, la arrogancia radica en rechazar la verdad a causa de la auto-apreciación y el menosprecio de los demás”* (según lo informado en el *Sahih Muslim* 131, por el *Imam Abu al-Husayn Muslim ibn al-Hajjaj ibn Muslim ibn Ward ibn Kushadh al-Qushayri al-Naysaburi*). Además, convendría precisar un poco más los alcances de dos fuentes islámicas: *“La belleza del mundo es la belleza de Dios”* y *“Dios es bello y ama la belleza”*. La primera de ellas dará cuenta del concepto estético desde la mística, porque en ella se pone en juego el alma a salvar (de ahí que sea acreedora de un carácter espiritualista). En este orden de ideas, es que resulta fundamental Ibn Arabi, porque como se ha afirmado en *“La belleza del mundo es la belleza de Dios”*, la belleza aparece con su doble carácter sensible y trascendente, como elemento intermedio que separa y une al mismo tiempo el mundo del Creador y el de la creación en su unidad primordial y continuamente re-creada. Esto graficará la importancia de Ibn Arabi, porque establece el vínculo entre creación-creador. Además, se trazarían dos polos de un mismo círculo, Belleza sobre belleza, que se atraen sin cesar en el juego sutil e infinito del Amor Universal, acaso como si la creación, fuese una deriva del amor de Dios.

Ahora bien, respecto a la afirmación de la fuente *“Dios es bello y ama la belleza”*, habría que decir que a partir de acá se abre una deriva posible que articula la relación hombre-Dios, distinta a la concebida por el Cristianismo, donde el hombre es un ser caído producto del pecado original, mientras que en el Islam esto no es así. El Islam afirma que Dios es incognoscible, pero uno puede entender el cosmos a través de sus obras que son manifestación de la potestad divina. Es decir, podemos conocer a Dios a través de “atributos divinos”, puesto que Dios nos entrega en forma relativa la posibilidad de que se manifiesten atributos divino-simbólicos y, entre ellos destacarán: la sensualidad, la inteligencia, la voluntad, la libertad, etc. Por lo mismo, la estética reside en el mismo Creador

que habla sobre lo bello y las artes: “[e]s Dios, el Creador, el Hacedor, el Formador. Posee los nombres más bellos. Lo que hay en los cielos y en la tierra le Glorifica. Es el Poderoso, el Sabio (...)” (Corán 59, 24). Bastará con sugerir una remisión a los 99 Nombres de Allah.

De esta manera, el verbo tendrá un sentido fuerte hasta hoy en esa tradición, en el arte. Y el arte, lo sublima. Habrá una fractura ontológica entre el Dios-hombre, no hay filiación, pero si en los atributos Dios entrega a algo, ello lo hará hombre fuera del tiempo y de la historia —como un Adán celestial— y tendrá este vínculo con Dios. No es una voluntad corrompida como el Cristianismo, no hay un mesías. No hay fractura entre la corporalidad y espiritual, por lo mismo, es bien visto a los ojos de Dios el desarrollo de su espiritualidad y corporalidad, de la sensualidad. De hecho, el propio Ibn Arabi afirmará que la sensualidad es la potencia liberadora del ser humano, es decir, es parte de la creación divina.

Respecto a la sensualidad en las fuentes islámicas, su importancia y su exaltación cómo vida eterna en el Paraíso está descrita con en el Corán en diversas suras, por ejemplo la 56, llamada ‘Lo Inevitable’ (*Al-Waaqeah*), en las aleyas 12-40, entre otras, 56: 12. “*Habitarán el jardín de las delicias. 15. Descansando en asientos ornados de oro y de pedrerías, 17. En torno de ellos circularán huríes eternamente jóvenes, 18. Con cubiletes, garrafas y copas llenas de bebidas, 20. Con frutos a su gusto, 22. Tendrán bellezas de grandes ojos negros, bellezas semejantes a las perlas cuidadosamente ocultas. 23. Tal será la recompensa de sus obras.*” La sensualidad es así como se verá, esencial en el Islam describiendo el Jardín (Paraíso).

Ahora bien, en el caso de la caligrafía árabe se usa un estilo que trata de adaptar los tipos de letra a las estructuras o formas arquitectónicas, como es el caso de la letra cúfica de líneas geométricas, o de grafías implantadas en capiteles, pechinas, cúpulas, la utilización de materiales blandos va a facilitar grafías muy complejas siendo en su mayor parte referencias coránicas, aunque a veces son simples fórmulas de carácter talismánico. Es muy frecuente, en caso de palacios, el uso de poesía amorosa y es característica el exorno que envuelve los muros.

4 | CONCLUSIONES

Ahora bien, los conceptos de belleza y sensualidad están en las fuentes islámicas desde el mismo Corán, no en vano este destina más de 82 suras a lo sensual, pero lo que se ha reseñado someramente en el Desarrollo son atributos externos del ser humano: la belleza y sensualidad en el vestido, en la voz, en el uso de perfumes y jabones, en los baños árabes, en lo decoroso, en los colores, pero estas expresiones contenidas en el Corán, en los Hadices, en libros de Jurisprudencia, son manifestaciones de lo que realmente persigue el islam que es la belleza interior, la belleza del alma pura, de allí que el premio en el paraíso islámico sea una vida eterna y lujosa con 72 vírgenes (puras), de allí que el vestido

sea blanco, de allí también que el islam busque la Naturaleza virgen, dice la sura 15 de *Al-Hiyr Valle*, en su aleya 16: “*Hemos colocado constelaciones en el cielo y las hemos hecho hermosas para los que las miran*”.

El Islam intenta imitar la majestuosidad de la Creación a través de su arquitectura, sobretudo la destinada a sus espacios sagrados, las mezquitas llenas de la caligrafía árabe que también debe ser hermosa, apelando a lo sensorial, antes que a lo racional. La belleza y sensualidad del mundo islámico es un camino espiritual porque la belleza acerca a Allah, y las mismas se reflejan también en sus construcciones en las que se juega con el movimiento, con el agua y con la luz, simbolizando en esa luz la belleza de las virtudes morales y de las almas.

Esas virtudes se materializan en el carácter del musulmán que debe ser sensual y afable, de hecho el Corán elogia a Mahoma en la sura 68 o del Cálamo (*Al-Qalam*) diciendo: “*Y estás hecho de un carácter magnánimo*”, ese mismo buen carácter atribuido a Mahoma lo habría expresado este para los musulmanes en el corpus de Hadices **Bihar Al-Anwar** (Océano de Luces), obra escrita por el sabio **Mohammed Baqir Majlisi**, en el siglo XVII, que en su tomo 71, p. 373, dice: “*Lo que más hará entrar a la gente en el Jardín son la conciencia de Allah y el buen carácter*”.

Lejos de las fuentes islámicas encontramos también en el mundo musulmán profano obras sublimes de erotismo que conllevan la belleza y la sensualidad como formas de acercamiento a Allah, al estado de felicidad vía la actividad sexual, una de ellas es “*El Jardín Perfumado*”, del **Sheikh al- Nefwazi**, escrito en Túnez en 1535 y que contiene 21 dibujos exóticos siendo considerado el *Kamasutra* árabe. Asimismo tenemos la “*Guía para frecuentar al amado*” de **Ibn Foulayta** y la obra cumbre anónima “*Las Mil y Una Noches*”, que es el siguiente tema.

Además, en general la arquitectura islámica la semejanza de otras construcciones sagradas a lo largo de la historia de la humanidad y en todo el mundo usa la Geometría Sagrada y las alineaciones energéticas de la Razón Áurea, para que el espacio arquitectónico de una mezquita sea un catalizador de lo sagrado, un acercarse a lo divino, de allí el juego de espejos de agua, y las luces que van dando la apariencia de movimiento al interior de las mezquitas, tal como el uso de la Basmala, que es la fórmula ritualística que aparece en 113 de las 114 azoras o suras del Corán, y que básicamente es ‘*bismi-llahir-rahmani r-rahim*’, que quiere decir ‘En el Nombre del Clemente y Misericordioso’.

Así Templos persas, hazidés, cristianos, egipcios, sumarios, indios, chinos, mayas, aztecas, etc., han sido construidos como espacios para alcanzar Estados Alterados de Conciencia, de ello se ocupa la Enteoarquitectura que es el Arte de construir templos para provocar esos EAC, esas ‘visiones divinas’.

Para ello el estudio de los mecanismos en que el cuerpo humano es afectado por los espacios religiosos es fundamental, algo ha avanzado la Ciencia para poder comprender cómo el uso de formas arquitectónicas provocan estímulos cerebrales que el propio cuerpo

produce para tener esas visiones divinas, ese mirar el otro mundo.

Mircea Eliade entendía que la Mitología en su base está constituida por un puente entre dos mundos, así concluía que en alguna era paradisiaca de la humanidad, un puente conectaba la Tierra con el Cielo y se pasaba de una región a otra sin obstáculos, porque no existía la muerte, luego, habiéndose interrumpido el tránsito fácil entre Cielo y Tierra, el puente, el *axis mundi*, se atraviesa solo “en espíritu”, es decir muertos o en “éxtasis” (EAC).

Este tránsito, diseminado de obstáculos y donde solo los “buenos” y en particular los ‘iniciados’, atraviesan felizmente el puente (los iniciados, de algún modo, conocen el camino habiendo pasado a través de la muerte y la resurrección en sus ritos) puede ser también atravesado por cualquiera (los chamanes y derviches logran atravesarlo estando vivos).

Lo importante es que numerosos rituales religiosos “constituyen” simbólicamente un “puente” o una “escala”, en virtud del mismo rito.

Desde ese punto de vista, la religión expresada y entendida como una forma de alcanzar EAC podría llegar a unir y no dividir más a la raza humana, si entendiésemos que quizás el único lenguaje que habla lo que sea que llamamos Dios, es el Amor.

En palabras del gran filósofo sufí Ibn Arabi:

«Hubo un tiempo,
en el que rechazaba a mi prójimo
si su fe no era la mía.
Ahora mi corazón es capaz
de adoptar todas las formas,
es un prado para las gacelas
y es un monasterio para los monjes cristianos.
es un templo para los ídolos
y es un santuario para los peregrinos;
es recipiente para las tablas de la Torah
y para los versos del Corán.
Porque ahora sigo la religión del Amor
Y da igual por dónde vaya la caravana del Amor
yo voy por cualquier camino
por donde me lleve Su camello.
Ésta es la verdadera fe;
ésta es la verdadera religión. »

Es posible que en el *axis mundi*, y en la experimentación de Estados Alterados de Conciencia podamos sentir como Ibn Arabi, que al final la única fe, la única religión es el Amor, quizás a eso se refiera el Corán cuando dice ‘Mires donde mires el rostro de Dios existe’.

Quizás ha llegado la hora de comprender que el Nuevo Cielo y la Nueva Tierra

que narra la Biblia pudiesen no ser lugares físicos, sino Estados Elevados, Expandidos, Alterados de Conciencia, siendo la Tierra la manifestación externa de la forma, que es siempre un reflejo del Interior, del Cielo.

Así en palabras de Eckhart Tolle “El ‘Nuevo Cielo’ es el florecimiento de un estado transformado de la Conciencia humana, y la ‘Nueva Tierra’ es su proyección en el Plano Físico.” (‘Una Nueva Tierra’, Tolle, 2005).

Quizás ya es hora en que como especie reclamemos nuestro derecho a experimentar EAC.

REFERENCIAS

Alado, L. (1982). Habla Silo. En: *El Paisaje Interno*. Mendoza: Ed. Edicial.

Bazin, G. (1976). *Historia del Arte*. Barcelona: Editorial Omega.

Carl Gustave, J. (1982). *La Interpretación de la Naturaleza y de la Psique*. Buenos Aires: Ed. Paidós.

Carl Gustave, J. (1960). *Energética Psíquica y Esencia del Sueño*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

Carl Gustave, J. (1964). Man and His Symbols. In *Collected Works of C.G. Jung Volume 7: Two Essays in Analytical Psychology*. London: Editorial Random House.

Eliade, M. (1976). *El Chamanismo y las Técnicas Arcaicas del Éxtasis*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica.

Eliade, M. (1995). *El Vuelo Mágico y otras Ensayos*. Madrid: Ed. Siruela.

Eliade, M. (1981). *Lo Sagrado y Lo Profano*. Barcelona: Ed. Punto Omega Guadarrama.

Fernández, A., Barnechea, E. y Haro J. (1995). *Historia del Arte*. Barcelona: Ed. Vicens-Vives.

Graf Dürckeim, K. (1992). *El Maestro Interior*. Bilbao: Ed. Mensajero.

Grof, S. (1993). *La Evolución de la Consciencia*. Barcelona: Ed. Kairós.

Grof, S. (1994). *La Mente Holotrópica*. Buenos Aires: Ed. Planeta.

Grof, S. (1988). *Psicología Transpersonal*. Barcelona: Ed. Kairós.

Greenwood, S. (2005). *The Nature of Magic an Anthropology of Consciousness*. Oxford: Ed. Berg.

Hofmann, A. & Evans Schultes, R. (1979). *Plantas de los Dioses*. New York: Ed. McGraw-Hill.

Irwin, R. (2008). *Arte islámico*. Madrid: Ed. AKAL.

James, W. (1994). *Las Variedades de la Experiencia Religiosa*. Madrid: Ed. Península.

Krippner, S. (1990). Estados Alterados de Conciencia. En: White, J. (Editado), *La Experiencia Mística*. Barcelona: Ed. Kairós/ Troquel.

Maslow, A. (1964). *Religions, Values, and peak Experiences*. Londres: Penguin Books Limited.

Mandel, G. (1993). *Cómo reconocer el Arte islámico*. Barcelona: Editorial EDUNSA.

McKenna. T. (1994). *El Manjar de los dioses*. Barcelona: Ed. Paidós.

McKenna. T. (1994). *True Hallucinations*. New York: Ed. HarperOne.

O'Kane, B. (2008). *Tesoros del islam, Maravillas artísticas*. Singapur: Editorial Blume.

Pollio. V. (1837). *Les dix livres d' Architecture, avec les notes de Perrault*, Tardieu et Coussin Éditeurs. París: Pranava Libros.

Ràfols i Fontanals, J. (1966). *Historia del Arte*. Barcelona: Ed. Ramon Sopena.

Schimmel, A. (2002). *Las Dimensiones Místicas del Islam*. Madrid: Editorial Trotta.

Semenzato, C. (1981). *El Mundo del Arte*, Tomo I. Barcelona: Editorial Grijalbo.

Talbot Rice, D. (1965). *Islamic Art*. New York: Editorial Praeger.

Tapia Adler, A.M. (1981). *Historia del Arte Islámico*. Santiago: Editorial Universitaria de Chile.

Vargas Gaete, L.C. (1985). *El Hombre y los Estados de Consciencia*. Santiago de Chile: Ed. Abraxas.

Wilber, K. (1995). *Después del Edén. Una visión transpersonal*. Barcelona: Ed. Kairós.

Wilber, K. (2007). *Espiritualidad Integral. El nuevo papel de la Religión*. Barcelona: Ed. Kairós.

Walsh, R. & Vaughan, F. (1994). *Más Allá del Ego*. Barcelona: Ed. Kairós.

Walsh, R. & Vaughan, F. (2003). *Trascender el Ego*. Barcelona: Ed. Kairós.

Zehentbauer, J. (1995). *Drogas endógenas*. Barcelona: Ed. Obelisco.

VÍDEOS VISTOS:

Estados Alterados de Conciencia, Michael James Wilkelman, Noviembre 2015 <http://youtu.be/xV8wzTRJzNc>

Estados Alterados de Conciencia, Jon Aizpurua, Julio 2013 http://youtu.be/bf5_mzo4r8s

Documental: Paradise Found, Islamic Architecture and Arts, Marzo 2011 <http://youtu.be/LAR-KV-pl80>

La compleja geometría del diseño islámico, Eric Broug, Mayo 2015 <http://youtu.be/pg1NpMmPv48>

Islam, Empire of Faith, PBS Documentary, Agosto 2015 <http://youtu.be/cYPHYL-ezpM>

Science and Islam, BBC Documentary, Jim Al-Khalili, Marzo 2013 <http://youtu.be/qL41gX0fJng>

Arte islámico, Noviembre 2015 <http://youtu.be/rGO3dKIISAw>

Aspectos de la belleza del Arte islámico, Diciembre 2014 <http://youtu.be/SFfOfUtV5VQ>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à cultura 149, 152

Afetamentos 65, 66, 72, 73

Alfabetização 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47

C

Categorias de história oral 11

Cenas musicais 11

Cinismo 75, 77, 84, 85, 86, 87

Consequências pastorais 130, 131, 135

Cultura 1, 3, 4, 9, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 40, 41, 43, 46, 48, 57, 62, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 88, 89, 91, 97, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 119, 121, 125, 127, 131, 140, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 160

Cultura do consumo 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31

Cultura global 23, 25, 27, 30

Cultura moderna 26, 131

Culturas lúdicas 32, 34, 35, 45

D

Deformações imaginárias 75, 77, 80, 81, 82, 83, 86

Desigualdades sociais 25, 46, 103, 107, 117, 121, 127

Diálogo com as ciências 133

E

Empoderamento feminino 121

Encarnação 106, 130, 131, 132, 133, 135, 136

Ensino remoto 13, 32, 34, 39, 40, 44, 45, 46, 138, 141

Entretenimento 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157

Espaço público 109, 111, 112, 114, 115, 116, 130, 131, 133

Espaços 13, 67, 70, 72, 73, 100, 101, 102, 106, 109, 111, 112, 114, 116, 117, 119, 122, 123, 126, 127, 151, 159

G

Gênero 13, 17, 20, 67, 79, 84, 86, 93, 99, 117, 121, 122, 123, 125, 127, 129

Geografia poética 1, 2, 3, 6

H

História oral 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

I

Inclusão 35, 39, 91, 94, 125, 149, 153, 154, 155, 158, 159

Intérpretes 50, 88, 150, 151, 156, 158

L

Legalização e normatização do ensino remoto 32

Lei da libras 151

M

Memória coletiva 11, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Modos de vida 1, 2, 3, 9, 89, 97, 105, 107

Mulheres 4, 16, 68, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Mulheres e resiliência 121, 128

P

Pandemia do Covid-19 32

Pessoas surdas 149, 150, 151, 153, 154, 158

Projetos de ensino 142

R

Redes solidárias 121, 122

Resiliência 121, 122, 125, 126, 127, 128

S

Ser humano 19, 29, 49, 58, 59, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 153

Sociologia da infância 33, 35, 46

V

Vozes juvenis 99

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

